

Depoimento sobre Reynaldo Moura e sua geração

Testimony on Reynaldo Moura and his generation

Carlos Jorge Appel

Editora Movimento

Resumo: Relato do panorama cultural do Rio Grande do Sul nos anos de 1930, de seus escritores, músicos e demais artistas e das editoras que davam luz à produção cultural do Sul. Nas primeiras edições dos livros de Reynaldo Moura, por exemplo, aparecem impressos com selos provisórios e desconhecidos, sem expressão e hoje esquecidos no panorama das editoras existentes no Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Reynaldo Moura; Cultura; Escritores; Editoras

Abstract: Report of the cultural landscape of Rio Grande do Sul in the 1930s, its writers, musicians and other artists and, also, publishers who gave birth to the cultural production of the South. In the first editions of books Reynaldo Moura, for example, appear printed with stamps provisional and unknown, expressionless and now forgotten in the panorama of existing publishers in Rio Grande do Sul.

Keywords: Reynaldo Moura; Culture; Writers; Publishers

O panorama de 1930 no país

Ao longo dos anos, acompanhei de perto a trajetória cultural de muitos conhecidos atores e protagonistas da conhecida *Geração de 30* do Rio Grande do Sul. Quando falamos desta geração extraordinária, pensamos de imediato nos escritores, como Erico Verissimo, Mário Quintana, Dyonélio Machado, Vianna Moog, Ivan Pedro de Martins, Darcy Azambuja, Aureliano de Figueiredo Pinto, Pedro Wayne, Cyro Martins, Telmo Vergara, Athos Damasceno Ferreira e o pouco lembrado De Souza Júnior, além dos críticos Moysés Vellinho, Rubens de Barcellos, Carlos Dante de Moraes e Guilhermino Cesar.

A todos esses vultos se junta Reynaldo Moura. Completando o quadro, destacam-se como teatrólogos, hoje quase esquecidos, Ernani Fornari e Edy Lima.

Se é comum, ao falarmos da *Geração de 30*, nos restringirmos aos escritores, ficará melhor delineado o panorama se aos escritores somarmos os músicos e os artistas plásticos. Na fronteira surge o conhecido Grupo de Bagé, com Glênio Bianchetti, Glauco Moraes, Carlos Scliar e Danúbio Gonçalves, a que se juntariam Vasco Prado, Zorávia Bettiol, Iberê Camargo, Nelson Jungbluth e Ado Malagoli, entre tantos outros. Na área da música sobressaem Luís Cosme, Paulo Guedes,

Armando Albuquerque, Radamés Gnattali, Breno Blauth, NathoHenn e Bruno Kiefer. E na música dita popular emerge a figura exponencial de Lupicínio Rodrigues.

Para completar o panorama da época, importa referir que eram poucas as galerias de arte, as livrarias e editoras que davam luz à produção cultural do Sul.

Na Rua da Praia se concentravam as principais livrarias que, com o tempo, foram desaparecendo, como foi o caso da Universal, da Americana, onde Herbert Caro, autor de *Balcão de Livraria* e tradutor de *Doutor Fausto* de Thomas Mann, atualizava seus clientes sobre as novidades no setor da literatura universal e da música clássica, sua área preferida, pois ele mantinha uma coluna semanal sobre o assunto no *Correio do Povo*.

A Globo, no entanto, seria a grande protagonista como livraria e editora, e se transformaria no mais importante complexo gráfico-editorial do país nas décadas de 1940, 1950 e 1960. Na Globo se concentrava, qual uma universidade, a maioria dos dicionaristas, pesquisadores, capistas como Ernest Zeuner, Nelson BoeiraFaedrich e Edgar Koetz – entre tantos outros – e tradutores de excelência, como o já citado Herbert Caro, Mário Quintana e Erico Verissimo, enquanto Jorge Paleikat e Ruas traduziam os gregos e latinos que iriam aparecer na Coleção Nobel. Já a Coleção Província se voltava

aos escritores do Rio Grande. Seria difícil pensar numa geração como a de 30 sem o suporte editorial fornecido pela Editora Globo, que atualizou, modernizou e abriu o Rio Grande para o mundo. Erico Verissimo exerceria um papel fundamental nesse sentido, dando condições ao florescimento da Coleção Nobel, de um lado, e ao incentivo à edição de novos escritores do Rio Grande do Sul, entre os quais se inclui Reynaldo Moura.

Se fizermos uma análise das primeiras edições de Reynaldo Moura, veremos que os seus livros aparecem impressos com selos provisórios e desconhecidos, sem expressão e hoje esquecidos no panorama das editoras existentes no Rio Grande do Sul. Só quando Erico Verissimo passa a integrar os quadros da Editora Globo é que os emergentes escritores locais passariam a ter um selo de porte nacional.

Não pode ser abstraído desse panorama da época o fato de Getúlio Vargas ter unido o Rio Grande no plano regional, para se tornar o maior líder político do país. Ele não só frequentava a livraria do Globo aos sábados pela manhã, com sua “entourage”, conforme relata Cyro Martins no seu romance *Gaúchos no obelisco*, como deu condições econômicas e políticas para o seu florescimento. A Globo tornava-se a maior potência editorial do país na mesma época em que Getúlio Vargas assumia o poder como presidente da nação.

A repercussão da obra

Nesse meio-tempo, o jovem poeta e ficcionista Reynaldo Moura lançava a novela *Intervalo passionnal*, em 1944, pela José Olympio, do Rio de Janeiro. Ele já havia conseguido alguma repercussão com o lançamento da novela *Noite de chuva em setembro*, em 1939. Críticos de renome nacional como Agrippino Grieco, Tristão de Athayde, Oscar Mendes e Mário de Andrade elogiavam o surgimento deste novo escritor.

Falando, no decorrer desta semana, com Roberto Moura, com quem mantenho conversas mais demoradas nos veraneios de Capão da Canoa, ele me chamou a atenção para um fato marcante: o crítico Álvaro Lins havia feito observações “devastadoras” sobre *Intervalo passionnal*, a ponto de Reynaldo Moura passar boa parte de seu tempo tentando absorver a crítica feita. Precisamos nos lembrar, também, que os críticos da época tinham muito poder, a ponto de um autor ser mais ou menos lido de acordo com a opinião externada nos jornais da época.

O fato é que a crítica de Álvaro Lins foi bem absorvida, pois logo em seguida Reynaldo Moura lançaria *Um rosto noturno* (1946), uma de suas obras mais importantes, e culminaria com *Romance no Rio Grande* (1958), considerada pela crítica como sua obra-prima.

Erico Verissimo, na primeira edição, de 1958, de *Romance no Rio Grande*, observou: “A história me prendeu poderosamente com sua magia, da primeira à última página. O autor atinge neste romance uma objetividade admirável, sem prejuízo da poesia e do mistério. Seu estilo é enxuto, vivo e tocado duma beleza que está ao mesmo tempo nas palavras e nas coisas que estas palavras descrevem. A história, dramática e fascinante, não lembra nenhuma outra que eu tenha lido”.

A respeito do conteúdo, ele sintetiza: “Trata-se de uma história de amor, mistério e morte em que um homem é levado a cometer dois crimes ao envolver-se, primeiro com uma prostituta, que encontra na rua, e mais tarde com outra mulher, pela qual se apaixona e que o arrasta em sua tragédia”.

Um dado importante que não se pode perder de vista na avaliação da obra deste autor é o fato de o romance de 30 privilegiar o documentalismo, os costumes, os grandes problemas sociais da época ligados às questões da terra e da injustiça social, que se traduz no êxodo do campo para as periferias das cidades. Estamos, no Rio Grande do Sul, em plena crise do sistema agropastoril. Essa temática envolve tanto Erico Verissimo como os nordestinos Jorge Amado, Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz e José Lins do Rego, quanto Cyro Martins, Ivan Pedro de Martins e Dyonélio Machado.

Já a obra de Reynaldo Moura se caracteriza por um outro viés, o de ter uma linguagem marcada pelo intimismo, pela preocupação com os aspectos psíquicos do ser humano, onde o mundo exterior servia como o suporte para as idiossincrasias dos seus personagens.

O crítico Oscar Mendes, já na década de 1940/50, observa o seguinte sobre a sua obra: “De uma sensibilidade extrema, que se afina admiravelmente com o mundo exterior, pode ele comunicar aos seus leitores as emoções mais sutis e o encantamento que lhe produzem na alma um trecho de paisagem, uma rajada de brisa saturada de odores florais, um movimento de nuvem, uma tonalidade do céu. Se bem que pinte com amoroso cuidado a paisagem que cerca seus personagens, não descarta de devassar-lhes o íntimo, fixando com segurança e sutileza certos estados de alma, profundamente poéticos. A essência poética de suas novelas não impede o senhor Reynaldo Moura de desenhar com finura e segurança de traços os seus tipos de ficção, dando-lhes vida e movimento.”¹

De certo modo, essas observações contrastam com a opinião de Álvaro Lins, a que se acrescentam as observações de Mário de Andrade a respeito de *Noite de chuva em setembro*: “Em Reynaldo Moura há atitudes particularíssimas que vêm distanciá-lo um pouco dos

¹ Contracapa de *Intervalo passionnal*, novela, José Olympio, Rio de Janeiro, 1944.

demais gaúchos. É que ele não abandonou de todo a natureza. Com o seu talento poético, serve-se dela para movimentar suas figuras humanas com mais beleza, mais espírito. Apesar da natureza ter certa influência nas suas novelas, o íntimo de cada um dos seus personagens é devassado em todos os seus estudos psíquicos.

Mas o senhor Reynaldo Moura não perde o equilíbrio nesse difícil ramo de romancear motivos poéticos. Nas páginas de *Noite de chuva em setembro*, não se encontra um só momento de vulgaridade, um só momento patético. “Tudo é realmente vivo e esplendidamente belo.”²

Reynaldo Moura iniciou sua trajetória literária como jornalista em vários periódicos porto-alegrenses. Isso aconteceu cedo, a partir de 1923, conforme registra Maria Luiza Ritzel Remédios.³ Mesmo já conhecido como poeta e romancista por seus livros iniciais, continuou publicando, de modo esparso, contos, crônicas e críticas nas revistas e cadernos de cultura.

O jornalismo ajudou-o na construção de uma linguagem sóbria, concisa e capaz de dar concreção mesmo a sentimentos obscuros e quase indizíveis.

Quando Roberto Moura me passou a segunda edição de *Um rosto noturno*, lançada pela Globo, pude entender a contínua e obstinada atenção de Reynaldo Moura para com a sua escritura. Mas não foram apenas correções de caráter estilístico, como eliminação de advérbios e adjetivos que ele considerou desnecessários, ou deslocamentos de palavras no período ou, ainda, cortes de vírgulas. Talvez o mais importante tenha sido a eliminação de períodos inteiros, compensados com acréscimos de poucas palavras ou de frases curtas que envolviam, inclusive, diálogos.

Reynaldo Moura reescrevia exaustivamente os seus livros. Não vai aí, por certo, nenhuma novidade, mas talvez seja importante assinalar que o autor capaz de escrever obras extraordinárias como *Um rosto noturno* e *Romance no Rio Grande* já está presente em suas obras iniciais, como nos poemas de *Outono* (1936) ou na novela *Noite de chuva em setembro* (1936), ambas publicadas na década de 1930 a 1940, justamente quando Erico Verissimo, Dyonélio Machado, Mário Quintana e Cyro Martins começavam a se projetar no cenário cultural da Província.

Pouco se sabe, pelo menos nas obras que vi publicadas até o momento, sobre o adolescente Reynaldo Moura, seu processo de aprendizagem, seu amadurecimento como escritor, que ousou, no início de sua trajetória literária, intitular um livro de poemas em francês, *L'après-midi d'un faune* (1940). Talvez esteja aí nessa escolha um detalhe importante: de que as conquistas e os modismos do Modernismo de 1922 foram bem filtradas por Reynaldo Moura, sempre atento aos grandes escritores europeus, especialmente os franceses. Este detalhe merece ser consignado, porque Reynaldo Moura, ao lado de Erico Verissimo, talvez seja, na geração de 30, quem mais tenha

acompanhado o que se produzia no exterior. Talvez se explique por essa vertente o fato de ele não se deixar seduzir pelos modismos modernistas que tanto marcaram as obras de Mário de Andrade e Oswald de Andrade. Leitor voraz, estava sempre ao corrente de tudo quanto *vient de paraître* em Paris.

Regina Zilberman, em *Literatura gaúcha – Temas e figuras da ficção e poesia* (LP&M, 1985) detecta os aspectos que definem a escritura de Reynaldo Moura, entre os quais sobressai sua preferência pelo mundo interior, pela sondagem psicológica, pelos acentos oníricos e patológicos presentes na construção do mundo interior, característica que acompanha a obra de Reynaldo Moura desde *A ronda dos anjos sensuais*, primeira novela do autor, de 1935, até seus últimos romances, mesmo os publicados posteriormente, como *Major Cantalício* e *O crime do apartamento*.

A presença de Erico Verissimo

Fica cada vez mais claro que o grande interlocutor em toda a trajetória literária de Reynaldo Moura foi Erico Verissimo.

Acompanhado de Alberto André, Erico Verissimo foi ao comandante do III Exército, Justino Alves Bastos, solicitar a soltura de Reynaldo Moura, preso durante as turbulências políticas de 1964, no que foi atendido de imediato. A prisão de Reynaldo Moura teria ocorrido devido à sua correspondência com o crítico literário carioca Astrogildo Pereira, também integrante do Partido Comunista Brasileiro. Segundo Roberto Moura, a prisão teria abalado muito a saúde do seu pai.

No seu livro de memórias, *Solo de Clarineta I*⁴, Erico Verissimo, ao comentar os escritores e amigos de geração, assim o caracteriza: “Outro membro regular do grupo era Reynaldo Moura. Discreto, calmo, o sorriso timidamente malicioso, raramente fazia-nos ouvir a fosca surdina de sua voz. Homem de rica imaginação, com um agudo senso do ridículo, tinha horror a fazer-se demasiadamente notado.

Reynaldo Moura haveria de no futuro tornar-se um homem moderno, um romancista de boa qualidade e um estudioso da Parapsicologia. Confessava que, para seu gosto, só existia no mundo uma língua latina adequada à literatura: a francesa”.

Se passarmos do seu livro de memórias para as abas da primeira edição de *Romance no Rio Grande*, teremos a complementação dessa caracterização:

² Idem.

³ REMÉDIOS, Maria L. *O crime do apartamento: a vaidade, a memória, a invenção*. Porto Alegre: EDIPUCRS/Movimento, 1995.

⁴ VERISSIMO, Erico. *Solo de Clarineta I*. Porto Alegre: Globo, 1958, p. 240-241.

Leva uma vida retraída, metido sempre com os livros, os que escreve e os que lê. (...) Viaja pouquíssimo, nunca é visto em reuniões sociais e raramente vai ao cinema. Homem de aparência serena, não gesticula, nunca ergue a voz, e tem um agudo *sense of humour* (...). Teria aspecto dum escritor francês não fosse o cigarrinho de palha que habitualmente traz entre os dentes. Os colegas o admiram, estimam e respeitam. E o número de seus leitores aumenta de livro para livro.⁵

Para que se cumpra o desiderato de Erico Verissimo, é necessário que se reedite toda a obra poética de Reynaldo Moura, o que Maria Luiza Ritzel Remédios, em edição

comentada, pretende encaminhar em breve. O mesmo deverá ocorrer com as suas novelas de iniciação, já que os demais livros foram reeditados e estão à disposição do público leitor nas livrarias do país. Mas não basta reeditar a obra de Reynaldo Moura: será necessário incrementar os estudos acadêmicos, fazer crescer a sua fortuna crítica. Só assim sua obra conseguirá transpor os limites regionais, como outros tantos já o fizeram.

Recebido: 16 de março de 2011

Aprovado: 04 de abril de 2011

Contato: editoramovimento@editoramovimento.com.br

⁵ *Romance no Rio Grande*. Porto Alegre: Globo, 1958. Segunda aba do livro.